

CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

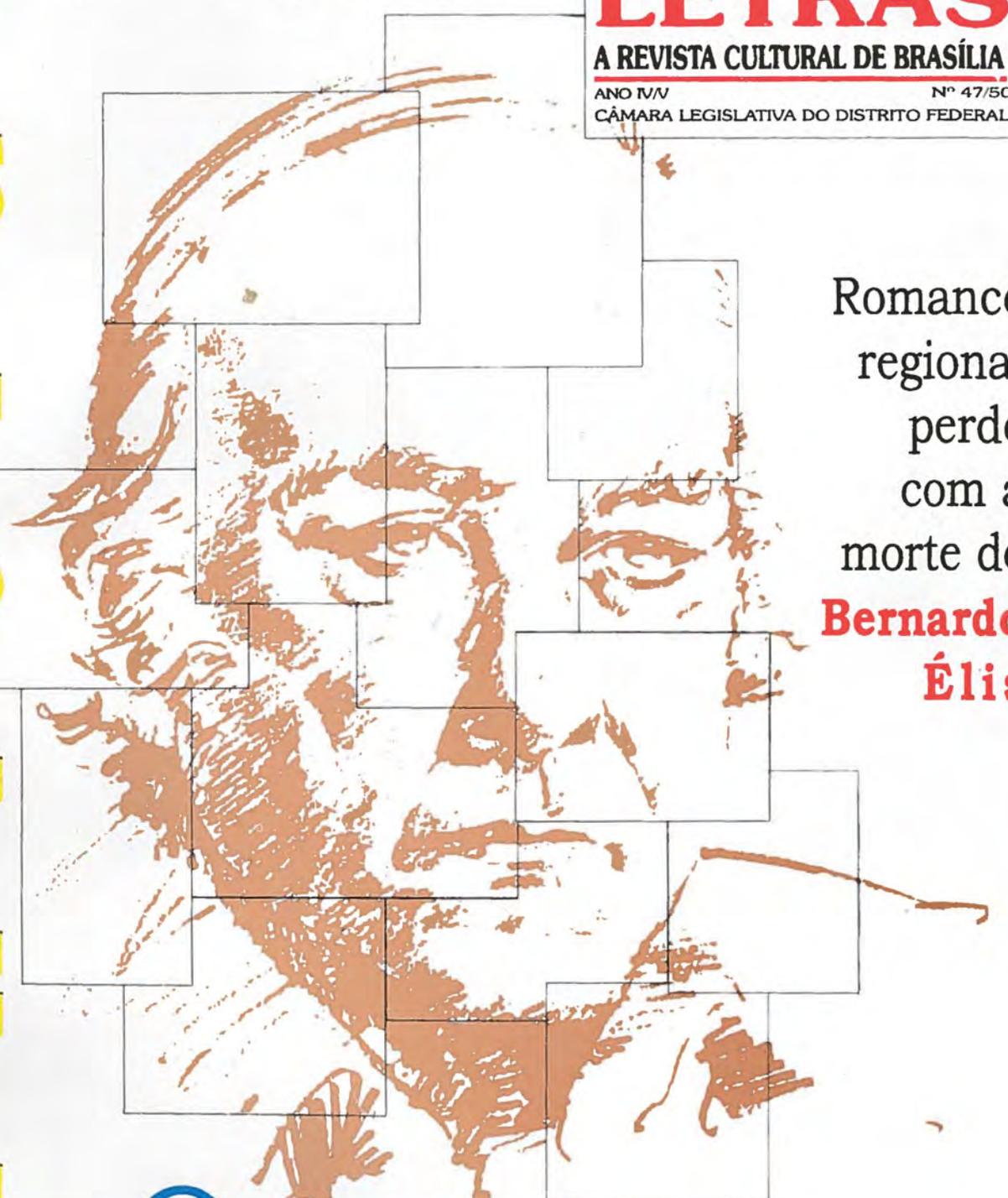
Biblioteca/CLDF

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV/V Nº 47/50
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

V
i
n
i
c
i
u
s

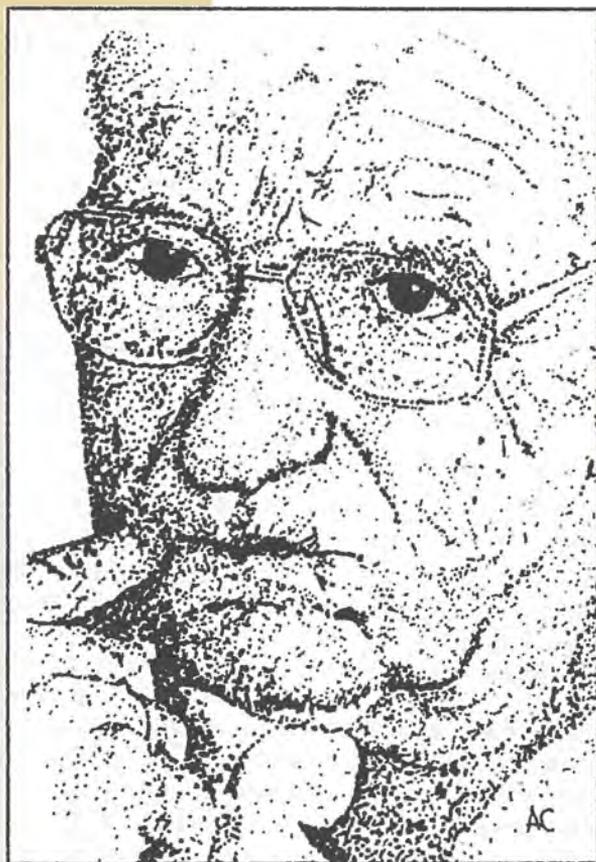


Romance
regional
perde
com a
morte de
**Bernardo
Élis**

O poeta
Bossa-nova

E L E G I A A A BERNARDO E L I S

□ PAULO BERTRAN



Os contos regionais de "Ermos e gerais", publicados em 1944, assinalam a estréia de Bernardo Élis na literatura

Para que esse pranto por Bernardo Élis não se estiole em silêncios ou lágrimas - pois nisso reside a imortalidade de um grande escritor e de um grande homem - é o encontrá-lo vivo além da morte, no reenunciado de suas palavras e gestos. Lá de onde está encantado, talvez queira nos ver aqui encantados e de alguma sorte com aquele riso irônico e tímido, tão dele, há de estar sorrindo para nós, dizendo que a dor se vence com a morte. Morreu B. Élis. Nasce a legenda B. Élis. O cais que aprisiona é o mesmo cais que liberta.

E quando nasceu o historiador e ensaísta para além do romancista e contista? Desde sempre, acho. O primeiro livro, *Ermos e gerais*, de 1944, já tinha alguns contos de ficção histórica. Dos três romances que Élis escreveu, dois são sobre temas históricos goianos, como o famoso *O tronco*, de 1956 e aquele delicioso *Chegou o governador*, de 1987. Da década de 80 para cá, o historiador e o ensaísta quase que afogam em Élis o romancista e o con-

tista. Metade talvez de sua obra reporta-se à ficção histórica e mesmo à pesquisa de história.

Foi desde então que eu, ansioso por entender o passado deste Brasil Central, estreitei relações com Bernardo, logo gerando-se uma forte amizade. Sempre que me surgia um documento antigo interessante, é para Bernardo que eu levava a primeira transcrição.

Entretínhamos então longuíssimas conversas sobre a história destes cerrados e Bernardo passava-me os códigos culturais para interpretá-la. Para mim abriram-me horizontes inesperados essas interpretações que fazia, e, ainda por cima, informações meio sigilosas sobre assuntos da história de Goiás que, por razões de ética societária, sobre gente conhecida, não podia ou não queria escrever. Bernardo era assim o fidalgo, o homem discreto.

Também não escreverei sobre esses casos, pois foram contados com a clausura da confiança - mas como me iluminaram a história de Goiás! Nesse sentido, além de amigo, Bernardo foi talvez o meu maior ensinador das coisas goianas antigas.

Interpreto hoje esse interesse de Bernardo Élis pela História não apenas como a curiosidade umbilical perpétua, de saber de onde viemos, mas como da interrogação que todo estudioso sério deve fazer sobre a história de seu povo.

Porque Goiás é assim curioso e esquisito na formação de sua gente e de sua cultura, nos seus linguajares domésticos típicos, que a cada 50 km nos deposita em outros imaginários sutilmente diferentes, culturas sutilmente diferenciais.

Da Corumbá natal de Bernardo até a antiga Meia Ponte de Pirenópolis, sequer distam 30 quilômetros. Mas o povo de Corumbá é distinto do de Pirenópolis. Segundo meu caro amigo Ramir Curado, o povo de Corumbá descende na primeira etapa de bandeirantes paulistas. São anhanguerinos. Já os pirenopolinos são reinóis cultivadores de vinha, do norte de Portugal, desempregados pelo tratado de Methuen e realojados em Pirenópolis basicamente como comerciantes e, vagamente, mineiros. O grosso das lavras de ouro estava, porém, pelo distrito de Corumbá. Oitenta e tantas minas, segundo Ramir Curado.

Não sei se no século 19, os folguedos culturais de Pirenópolis, animados pela música de Tonico do Padre, pelo teatro de Pompeu de Pina, e o primeiro jornal do Centro-Oeste do Brasil, daquele extra-histórico Comendador Joaquim Alves de Oliveira - não sei se contribuíram, no pró-



Bernardo Élis retratou os conflitos da sociedade rural diante do surgimento da industrialização e a maior penetração do capitalismo no campo

ximo século para uma reinvenção cultural da região em que Corumbá passa a comandar o melhor da literatura

goiana deste século, como pátria natal de Bernardo Élis e de J. Veiga.

É possível que se viesse gestando uma transformação aqui. No século XIX e no XX, o município de Corumbá, no seu anticlinal de Oeste, esbarrava já em alguns derrames basálticos, de alta fertilidade, do Mato Grosso goiano. Em poucos anos, em seu enorme município antigo, os corumbaenses sobreviventes da época do ouro inventaram aqui uma grande região agrícola - que alimentou o norte goiano, por largo período, com seus produtos de consumo imediato: açúcar, fumo, café - em breve outros gêneros surgiram, como remessas de arroz, feijão e farinha, que os povos do norte, pela coisa ambiental lá deles, não

conseguiam produzir direito. No atual Tocantins só a mandioca dava bem. Assim criou-se em

Corumbá uma cultura de agricultores e de comerciantes.



Élis nasceu em 1915, na cidade goiana de Corumbá. E como toda a sua geração de escritores, foi marcado pela tensão entre o regional e o universal, o atrasado e o moderno

tes, extremamente rica na fusão de coisas rurais e urbanas - que espalhou esse padrão pelo Mato Grosso goiano, quando se derrubou a mata imensa e brotaram as roças e os pastos.

É dessa cultura que Bernardo foi o grande intérprete e o grande historiador, e que é a matéria combustível, "o silêncio ruidoso", como entende a Prof^a. Moema Olival, do imaginário bernardiano, principalmente nos seus contos.

Isso com os contos.

Com os romances, veremos, emerge mais o historiador. Dos três romances que Bernardo escreveu, dois são de ficção histórica. Do romance *O tronco* não tratarei - pois é muito conhecida a saga turbulenta e sangüinária de São José de Duro. Uma vez disse-me o Mestre que, ao tempo da sua publicação, algumas pessoas próximas às personalidades de *O tronco* cumprimentaram-no pela fidelidade com que conduziu seus personagens e suas ações.

Quando lançou *Chegou o governador*, o outro romance histórico, li-o de uma sentada, emocionado. Eu conhecia das minhas pesquisas quase todos os personagens citados, mas não o destino que os unia, e a que Bernardo deu uma construção formidável.

Trata o livro dos amores entre a goianinha plebéia Ângela Ludovico e o então governador e capitão general da Capitania de Goiás, o jovem conde da Palma, herdeiro das casas nobilíssimas de Óbidos e de Sabugal, deitando seus escudos desde o tempo em que D. Afonso Henriques criara, com a espada suja de sangue mouro, o pequeno e belicoso reino de Portugal.

Ângela engravida duas vezes do conde e, uns meses antes de este ir governar Minas Gerais, abandona-o na mais atroz solidão, pois os costumes vigentes proibiam o casamento entre nobres e plebeus. E aí, para ela,

não servia. Puro inocente desenlace histórico, sem que o Élis desconhecesse a impossibilidade do final...

Bernardo deve ter colhido esta história nos anos 1930 - talvez, disse-me ele - de alguma conversa com o famoso professor Ferreira, o derradeiro memorialista da história de Vila Boa de Goiás.

Pela ocasião eu andava trabalhando nos arquivos do Rio de Janeiro e encontrei no Instituto Histórico um desenho mostrando o conde da Palma, no dia de sua morte, já no caixão, a cabeça envelopada por um lenço, como antigamente se usava -

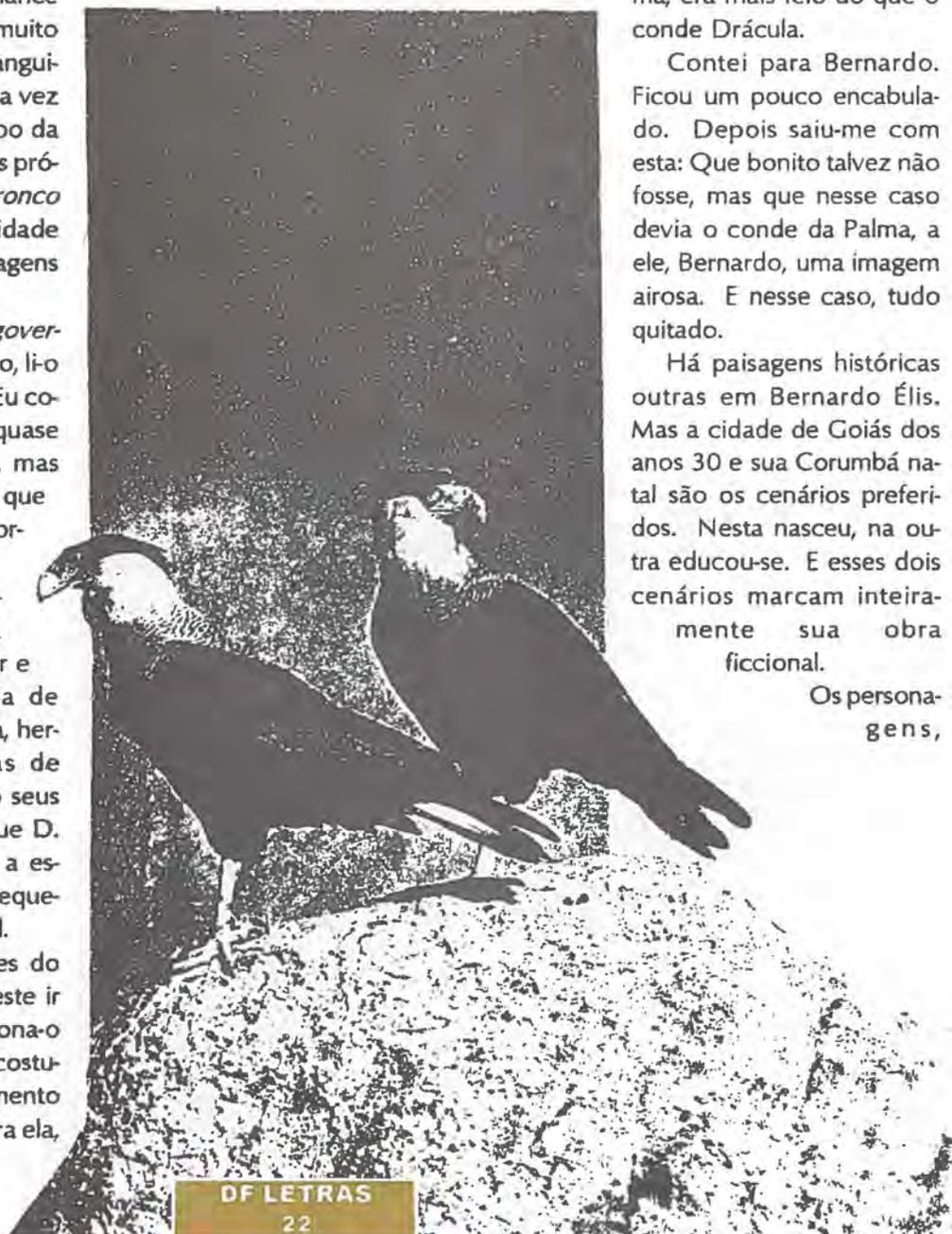
não por moda - mas porque sem o lenço a boca abria, por absoluta falta de dentes e de elasticidade da arcada dentária que segurasse a boca. Os problemas dentários do povo brasileiro antigo eram dos mais sérios e imaginativos que aquelas faces derrubadas que vemos em retratos do século XIX - destituídos de qualquer riso - deviam-se mais à falta de dentes do que a fatores psicossociais e culturais.

Pois no retrato do conde da Palma, parece até que de propósito, o desenhista só ressaltou seus dois enormes dentes caninos, descomunais, valendo para muito além do beijo de baixo. Ele, o conde da Palma, era mais feio do que o conde Drácula.

Contei para Bernardo. Ficou um pouco encabulado. Depois saiu-me com esta: Que bonito talvez não fosse, mas que nesse caso devia o conde da Palma, a ele, Bernardo, uma imagem airosa. E nesse caso, tudo quitado.

Há paisagens históricas outras em Bernardo Élis. Mas a cidade de Goiás dos anos 30 e sua Corumbá natal são os cenários preferidos. Nesta nasceu, na outra educou-se. E esses dois cenários marcam inteiramente sua obra ficcional.

Os personagens,



não. Sempre são compósitos. Pelas suas inúmeras relações de amizade e parentesco com o povo dessas duas cidades, seus personagens, bons ou maus, não escrevem uma única biografia. Mistura várias biografias e muitas vezes traz casos de outras regiões, como o do incivilizado Tocantins antigo, onde, às vezes, toda uma vida só custava um tiro.

Mas a denúncia social persistia. Quando ruiu o muro de Berlim, o Bernardo simpaticamente das teses comunistas confidenciou-me da sua decepção, e, mais ainda, que, não fora a cobrança à coerência partidária, teria conduzido sua obra para outros rumos, que eu não sei que outros rumos seriam.

Mas por último já considerava que se o modelo soviético fracassara, arranhando uma certa concepção do socialismo, este ainda era um valor universal.

Entre ensaios e artigos Bernardo deixou cinco livros - dois deles de pesquisa histórica. Um, *Marechal Curado, criador do Exército Nacional* uma pesquisa intensa sobre esse seu antigo parente que tantos serviços prestou à pátria. Outro, *Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil*, cujo personagem principal foi considerado o primeiro poeta goiano, ou melhor, o primeiro sujeito que fez poesia em Goiás, e que era mesmo enigmático, com uma vida toda misteriosa, deu o maior trabalho para Bernardo remontar.

Já os artigos são às dezenas, sobre os mais variados assuntos, mostrando a cultura universal do escritor corumbaense. Um deles particularmente me fascina, pois é o Bernardo Élis, que foi professor de geografia por tantos anos, que assim resume nossa condição planaltina:

O relevo físico foi o grande dita-



Homem do cerrado, Bernardo Élis é uma das principais referências de renovação da literatura regionalista brasileira

dor da fixação humana, nos primeiros tempos, com vistas naturalmente aos fins então colimados da mineração de ouro. Na meia-encosta dos vãos localizavam-se as fazendas e as cidades. O homem escolhia a meia-encosta por ser o ponto mais viável. Na chapada havia os bons ares, a amenidade climática, o livre curso das correntes atmosféricas, mas em contrapartida havia a falta de matas próprias para as roças e, na estação da seca, a água potável escasseava, fator determinante do empobrecimento das pastagens. Já no mais profundo dos vales havia umidade em excesso e a maleita endêmica, com abundância de acidentes no terreno para dificultar o transporte e a comunicação, embora aí ocorressem as melhores matas para a lavoura e para a pastagem.

Faleceu o homem Bernardo Élis, nasce a lenda Bernardo Élis. Foi Bernardo mais que um grande escritor. Era também o desenhista admi-

rável de um mundo que não existe mais, o observador arguto do Planalto Central antigo, de sua gente, seus costumes, no estado natural do bem e do mal - em contrafação com os tempos novos sonhadores inescrutáveis.

Era um homem imensamente culto, tanto de leitura quanto de observação e foi nessa condição, tão pouco entendida de muitos que escrevem, que Bernardo tornou-se o grande intérprete da alma planaltina, densa, profunda, perigosa, ardilosa. Ele sabia bem disto, sofreu dela e por ela.

Com Bernardo morreu toda uma era e todo um povo. Dizem, não há homem insubstituível, mas há homens imprescindíveis e Bernardo era um deles.

Tudo aqui agora, Bernardo, ficou menor e já não cantam as seriemas. Bernardo Élis Fleury de Campos Curado morreu. Nasce a lenda Bernardo Élis.

Paulo Bertran, membro do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, é professor da UCC.